

João Luís Cardoso *
M. F. Guerra, F. Bragança Gil**

O depósito do Bronze Final de Alqueva e a tipologia das lanças do Bronze Final português ¹



Figura 1 – Localização do achado de Alqueva na Península Ibérica.

¹ O presente trabalho foi redigido pelo primeiro dos signatários, com a colaboração dos restantes; os segundo e terceiro signatários encarregaram-se do terceiro capítulo.

* Colaborador do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal. Av.ª Luísa Todi, 162 – Setúbal.

** Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa. INIC.

1. Introdução

Em Março de 1984 o Sr. Coronel J. A. Carvalho Fernandes, de Setúbal adquiriu, em pequeno estabelecimento de velharias de Setúbal, uma ponta de lança e dois contos, de bronze. De acordo com as informações do vendedor, que as teria obtido do achador, as peças provêm de uma pequena lapa da margem direita do Guadiana, no local da futura barragem de Alqueva.

Tal informação é compatível com a realidade, visto coincidir, no tempo, com trabalhos de desmatação das encostas, relacionados com o prosseguimento da obra. A proximidade do castro dos Ratinhos, que, da margem esquerda, domina aquele local, torna ainda mais verosímil a informação prestada, atendendo a que se trata de estação com uma importante ocupação do Bronze final, período a que pertencem os objectos agora estudados. Agradece-se ao referido senhor, actual possuidor das peças, a possibilidade do seu estudo.

2. Descrição das peças

2.1. Ponta de lança

Exemplar com folha estreita e longa, com nervura longitudinal central simples e bordos laterais convexos, aproximadamente rectilíneos na sua parte central. Gumes afiados por martelagem. Alvado cónico com a parte livre terminando por bocal de tendência extrovertida («em trompete»). A fixação ao cabo era reforçada por dois orifícios circulares diametralmente opostos, situados na base da folha e no plano definido por esta. A parte livre do alvado apresenta outros dois orifícios acidentais, resultantes do imperfeito enchimento do molde (Fig. 2, nº 3).

2.2. Conto de lança

Exemplar de formato cónico, fusiforme e de secção circular. Base plana, em forma de botão; extremidade superior com bocal de tendência extrovertida, aplanado no lábio. Na metade superior possui dois furos circulares diametralmente opostos e um terceiro, na base, destinados à fixação do cabo. A peça mostra-se encurvada, possivelmente devido ao uso (Fig. 2, nº 1).

2.3. Conto de lança

Exemplar semelhante ao anterior. (Fig. 2, nº 2).

3. Análise por fluorescência de Raios X

As três peças descritas foram analisadas pelo método da fluorescência dos Raios X, já anteriormente descrito (Gil et al., 1981), no Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa, correspondendo-lhe, pela ordem com que foram descritas, os números de inventário 15/84 a 17/84.

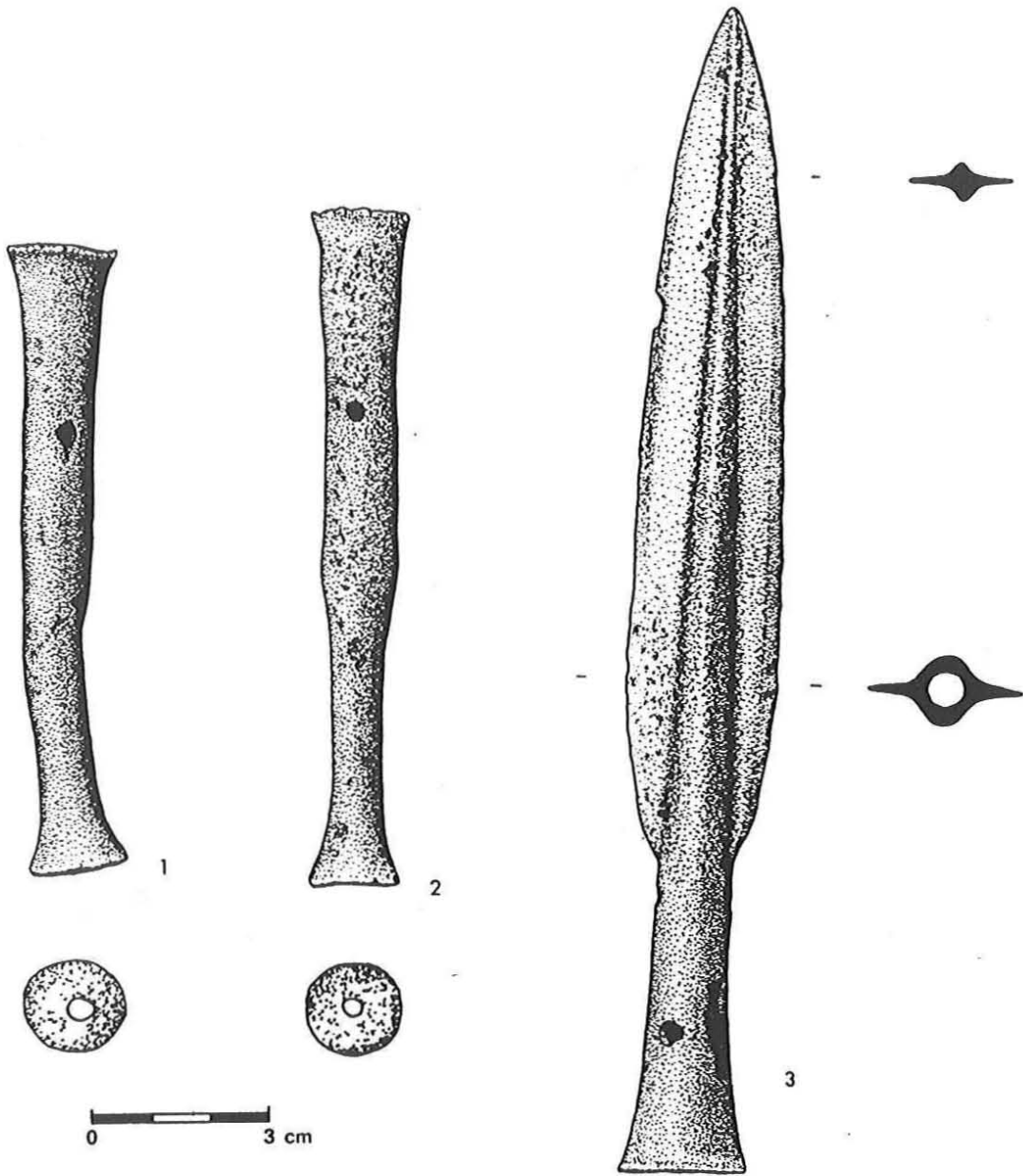


Fig. 2 - 1 - Conto de lança (análise 16/84)
2 - Conto de lança (análise 17/84)
3 - Ponta de lança (análise 13/84)

Os artefactos foram analisados em diferentes regiões, ao longo de cada um deles, procurando-se detectar inhomogeneidades de composição devidas quer aos processos de fabrico quer a fenómenos de corrosão. No primeiro, realizaram-se vinte e oito determinações e, nos dois restantes, dezasseis.

Todas as análises foram realizadas à superfície dos objectos, sem qualquer tratamento prévio.

Qualquer dos três artefactos é constituído por bronze (cobre e estanho como elementos maioritários), tendo como impurezas (certamente provenientes dos minérios utilizados) chumbo, ouro, arsénio, prata e antimónio.

Peça 15/84 (ponta de lança, Fig. 2, nº 3) – esta peça revelou uma composição notavelmente homogénea, que se traduz no relativamente baixo valor dos desvios-padrão das médias dos resultados obtidos para os elementos maioritários (cobre e estanho). As variações observadas para as impurezas são aleatórias, tendo o chumbo, ouro, prata e antimónio sido detectados em todas as regiões analisadas, enquanto o arsénio não foi observado em três delas.

A média de todos os resultados obtidos produziu a seguinte composição:

Cu: $(91,6 \pm 0,5)\%$; Sn: $(7,3 \pm 0,3)\%$; Pb: $(0,3 \pm 0,1)\%$; Au: $(0,4 \pm 0,2)\%$;
As: $(0,2 \pm 0,1)\%$; Sb: $(0,1_6 \pm 0,01)\%$ Ag: (440 ± 60) p.p.m.

Peça 16/84 (conto de lança, Fig. 2, nº 1) - tal como a anterior, esta peça apresenta uma bem evidenciada homogeneidade superficial na composição dos seus elementos principais. As variações observadas para as impurezas são também aleatórias, sendo as maiores observadas no arsénio o qual, das dezasseis regiões observadas, não foi detectado em cinco. Em seis das restantes regiões detectaram-se teores entre 0,1 e 0,2% e nas cinco restantes, valores inferiores a 0,1%, que se situam entre 170 e 570 p.p.m. As médias dos teores dos outros elementos presentes deram os seguintes resultados:

Cu: $(92,5 \pm 0,6)\%$; Sn: $(6,5 \pm 0,6)\%$; Pb: $(0,2 \pm 0,1)\%$
Au: $(0,5 \pm 0,2)\%$; Ag: $(0,1_3 \pm 0,0_2)\%$; Sb: $(0,1_2 \pm 0,0_1)\%$

Peça 17/84 (conto de lança, Fig. 2, nº 2) – Ao contrário dos anteriores, este objecto apresenta à superfície uma composição muito inhomogénea, evidenciando fortes variações de composição – com carácter aleatório – que se reflectem nos desvios-padrão das médias obtidas para os elementos maioritários.

No que respeita aos restantes assinala-se que:

- o mais importante, nesta peça, é o ouro;
- o chumbo não foi detectado em quatro das dezasseis regiões estudadas; nas restantes, as percentagens variam entre 0,1 e 0,8%;
- a prata, detectada em todas as regiões, apresenta um valor médio de (400 ± 100) p.p.m.
- o antimónio não foi detectado em três regiões da peça; nas restantes, os seus valores oscilam entre 10 p.p.m. e 280 p.p.m.
- o arsénio não foi detectado em nove regiões; nas restantes regiões os seus valores variam entre 310 p.p.m. e 0,7%.

Para outros elementos, os valores médios obtidos foram:

Cu: $(81,8 \pm 4,1)\%$; Sn: $(17,2 \pm 3,3)\%$; Au: $(1,0 \pm 0,4)\%$.

Conclusão

Deste conjunto de peças de bronze, as duas primeiras (15/84 e 16/84) apresentam uma composição muito próxima, quer nos elementos maioritários, quer nos minoritários, pelo que poderão pertencer a um mesmo lote aquando da sua produção. Pelo contrário, a peça 17/84 afasta-se das anteriores, não apenas no que respeita à sua homogeneidade

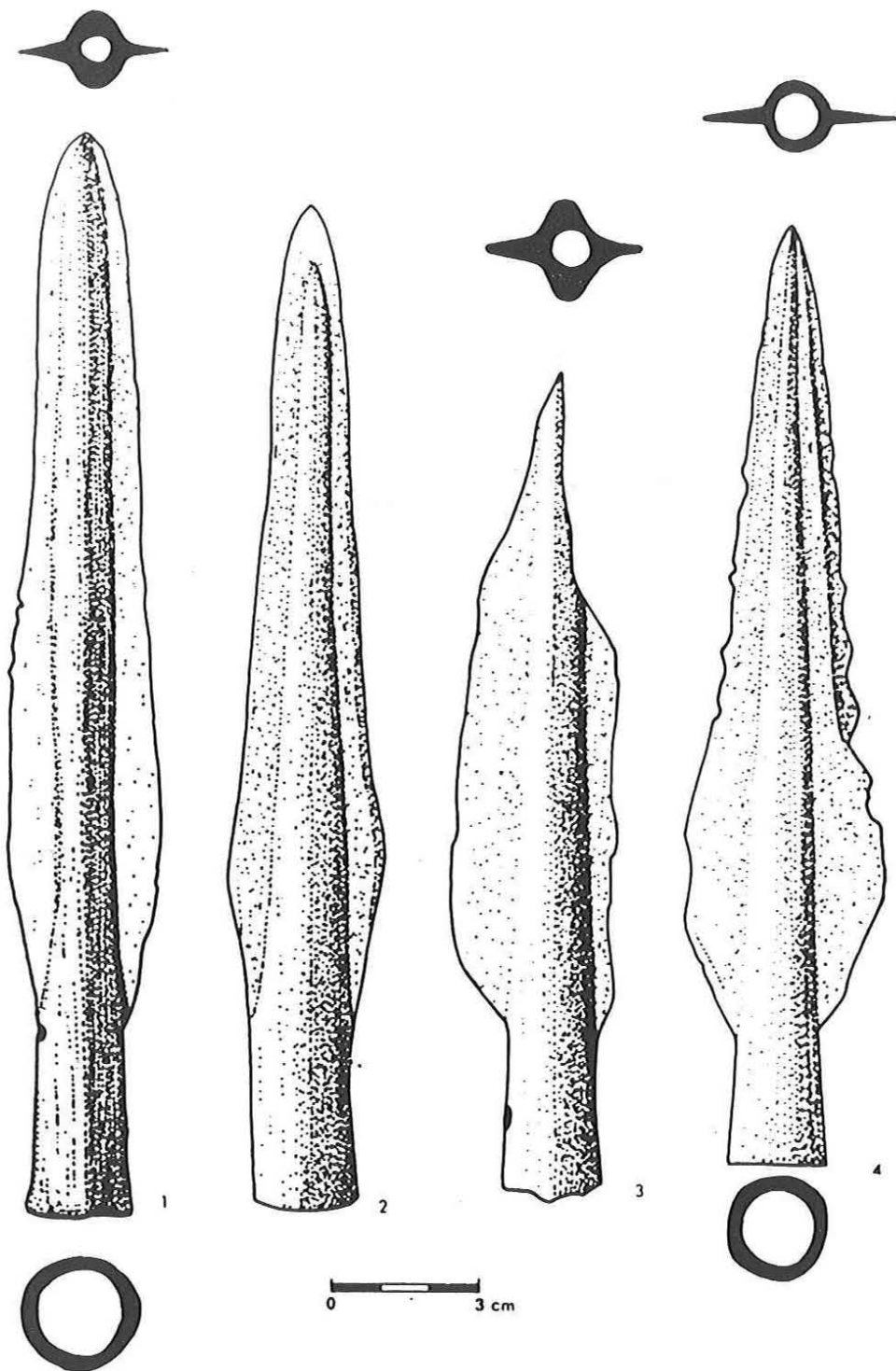


Fig. 3 – 1 – ponta de lança do tipo Vénat; depósito do Porto do Concelho – Mação. Seg. desenho de A. M. Duarte de Almeida (PEREIRA, 1970), adaptado.
2 – ponta de lança do tipo Vénat; castro da Ota – Alenquer. Seg. reprodução fotográfica (BARBOSA, 1956).
3 – ponta de lança do tipo de aletas convexas alargadas na base; Portelas – Lagos. Seg. desenho (SCHUBART, 1975), adaptado.
4 – ponta de lança do tipo língua de carpa, Pinhal da Arrochela – Muge. Desenho do original, conservado no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, por gentileza de O. da Veiga Ferreira.

mas igualmente numa composição significativamente diferente. Não deve ter sido produzida em conjunto com as anteriores.

4. Tipologia e comparações

4.1. Ponta de lança

A. COFFYN (1983), no estudo que realizou sobre o Bronze final do centro de Portugal, considera os seguintes tipos de ponta de lança de alvado:

- tipo Penha; tipo Pragança; tipo Vénat; tipo Baiões; tipo de aletas losangulares ocas.

De acordo com as características apontadas para cada um dos tipos e as respectivas ilustrações, o exemplar em estudo seria integrado no tipo Baiões, definido com base no exemplar recolhido no castro da Senhora da Guia. Ainda de acordo com aquelas ilustrações e descrições, mostra algumas analogias com o tipo Vénat (op. cit., Fig. 2, nº 3), mas não se confunde com ele por possuir contorno diferente, apesar de ter idênticas dimensões. A identificação com o tipo Baiões merece também alguns reparos, pela razão inversa: o exemplar-tipo possui apenas *ca.* 160 mm de comprimento máximo, valor significativamente inferior ao do presente exemplar. Contudo, nos seus traços gerais, corresponde a este tipo.

Procurando confirmar a classificação da ponta de lança agora estudada dentro do tipo Baiões sugerida pelo trabalho de A. Coffyn, consultou-se monografia consagrada ao depósito de Vénat (COFFYN et al. 1981). Naquele depósito, recolheram-se 37 pontas de lança inteiras e 89 fragmentos, correspondentes a 33.86% do total das armas. Embora o tipo Vénat seja ali explicitamente utilizado, o certo é que no catálogo, os autores não o mencionam, empregando a seguinte terminologia:

- 1 – pontas de lança com aletas losangulares
- 2 – pontas de lança com aletas regularmente arredondadas
- 3 – pontas de lança com aletas alargadas na base

O exemplar que mais se assemelha ao agora estudado, apesar das reduzidas dimensões, com o comprimento máximo de 142 mm (Fig.4) – o exemplar de maiores dimensões atinge apenas 182 mm de comprimento – encontra-se classificado no primeiro dos grupos referidos.

Compulsando o importante estudo monográfico do depósito de Niort (PAUTREAU et al. 1983/84), verificou-se que, além daquelas três formas, ao tipo Vénat se encontravam reportados 5 exemplares. Parece, pelas descrições e ilustrações apresentadas, que este tipo se pode associar à forma com aletas losangulares, diferenciando-se apenas desta última (representada apenas por um exemplar) por possuir ponta mais abrupta, de contorno marcadamente triangular.

Na tipologia dos objectivos da Idade do Bronze de França, promovida pela «Commission du Bronze» da Société Pré-historique Française (BRIARD et al. 1983),

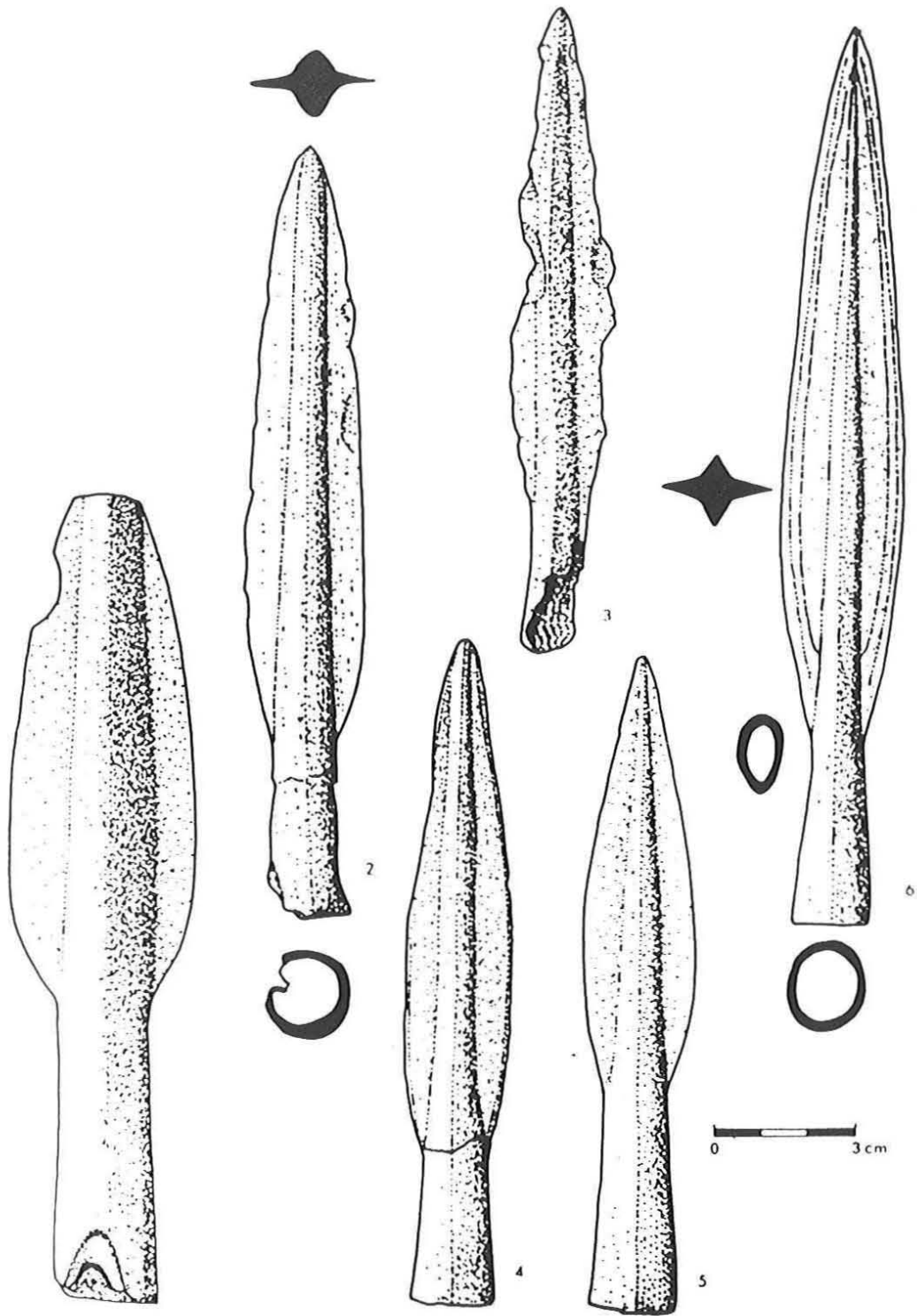


Fig. 4 – 1 – ponta de lança do tipo de folha larga com aletas regularmente arredondadas, castro de S. Bernardo – Moura. Seg. reprodução fotográfica (FERREIRA, 1971).
2 – ponta de lança do tipo Baiões; depósito do Porto do Concelho – Mação. Seg. desenho de A. M. Duarte de Almeida (PEREIRA, 1970), adaptado.
3 – ponta de lança do tipo Baiões (?); depósito dos Fiéis de Deus – Bombarral. Seg. reprodução colorida (VASCONCELOS, 1920), adaptado.
4 e 5 – pontas de lança do tipo Baiões; depósito de Solveira – Montalegre. Seg. reprodução fotográfica (COSTA, 1963).
6 – ponta de lança do tipo Baiões; serra de Borrazeiros – Moura. seg. desenho (SCHUBART, 1975), adaptado.

as pontas de lança são classificadas em Famílias, Grupos e Tipos. Na Família das pontas de lança de alvado, um dos grupos considerado é o das pontas de lança de alvado simples, por sua vez subdividido nos seguintes tipos:

- tipo de alvado curto
- tipo Vénat
- tipo com decoração «d'arceaux».

O primeiro é caracterizado pelo seu curto alvado (1 a 2 cm), relacionado, aliás, com comprimento total modesto – entre 80 e 120 mm – incompatível, portanto, com as dimensões do presente exemplar.

O tipo Vénat é igualmente caracterizado por alvado curto, por vezes com embocadura extrovertida. O comprimento varia entre 120 mm e 160 mm, portanto inferior ao do exemplar estudado. As aletas possuem contorno losangular e, na base, um pequeno cotovelo horizontal estabelece a ligação com a parte livre do alvado. Na extremidade superior, inflectem bruscamente na direcção uma da outra, conferindo à ponta contorno triangular.

O terceiro tipo desta classificação, pela presença de motivos decorativos que o caracterizam, não apresenta interesse comparativo.

Em conclusão, o exemplar agora estudado não se enquadra em qualquer dos tipos considerados. Mas no preâmbulo da obra em referência pode ler-se (p. 131): «o modelo mais usual, quase “anónimo” apresenta um alvado de tamanho médio, com furos de fixação muito regulares (...) uma lâmina foliática, biconvexa ou ligeiramente losangular».

Trata-se de uma forma de tamanho médio (100-200 mm). O depósito de Crapon (Côtes-du-Nord), forneceu exemplares considerados típicos. Tais exemplares, no conjunto dos estudados no trabalho, são os que mais se aproximam do exemplar em estudo. Na Fig. 6, nº 1, representa-se um deles. Difere destes por possuir contorno mais esguio e estreito e por ultrapassar em comprimento as dimensões máximas referenciadas para aqueles. A embocadura do alvado é também diferente.

Relativamente a Portugal, coligiram-se as seguintes referências relativas a lanças de alvado com nervura central simples, grupo em que se pode classificar o presente exemplar:

Solveira (Montalegre) – COSTA (1963), noticia o achado de conjunto constituído por um machado de talão, duas pontas de lança e um garfo. As duas pontas de lança são do tipo da estudada. Diferem por serem de dimensões significativamente menores e por não possuírem a embocadura do alvado com tendência extrovertida (Fig. 4, nº 4 e 5).

Picote (Miranda do Douro) – LOPO (1902) figura um exemplar de dimensões um pouco superiores às do estudado. Por esta característica, pela forma e robustez do alvado e pela situação das perfurações destinadas a fixação ao cabo, diferencia-se deste. O mesmo exemplar, reestudado por HOCK et al. (1972), foi descrito como tendo secção transversal losangular; este facto é suficiente para o considerar excluído do grupo das pontas de lança com nervura central. A sua menção justifica-se, assim,

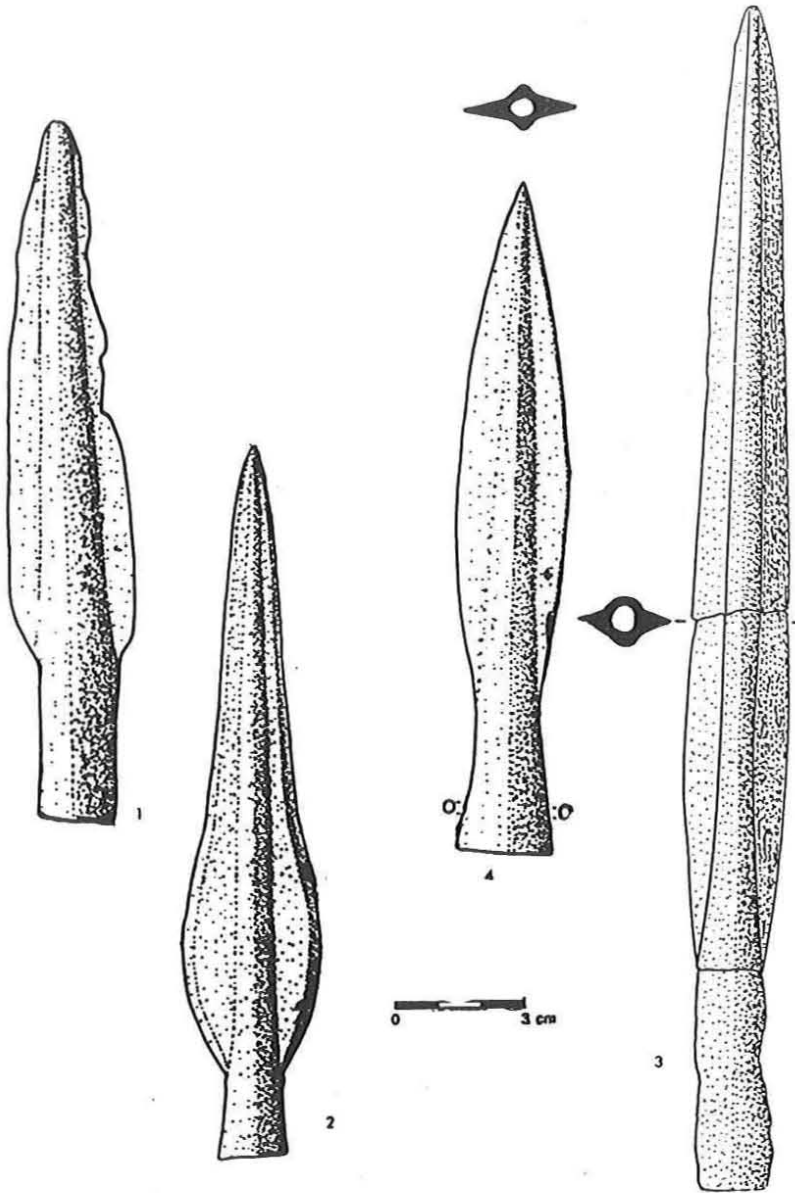


Fig. 5 – 1 – ponta de lança do tipo Baiões; Évora. seg. desenho (SCHUBART, 1975), adaptado.
2 – ponta de lança do tipo língua de carpa; Veiros. Seg. desenho (VASCONCELOS, 1929), adaptado.
3 – ponta de lança do tipo Penha; castro de Santa Catarina – Penha, Guimarães. Seg. desenho (COFFYN, 1983).
4 – ponta de lança do tipo Baiões; depósito (?) de Monforte de Lemos. Seg. desenho (MONTEAGUDO, 1977), adaptado.

apenas para alertar aqueles eventualmente convencidos da fidelidade do desenho original, assegurada pelo autor¹.

Castro de Santa Catarina, Penha (Guimarães) – COFFYN (op. cit.) refere a existência de duas longas pontas de lança, de alvado e nervura central simples, protótipos do tipo Penha. Foram consideradas antecessoras directas das longas lanças

¹ COFFYN (op. cit.) refere já correctamente este exemplar.

encontradas no depósito de Huelva.

Castro de Nossa Senhora da Guia (Baiões) – Neste povoado da Beira Alta, recolheram-se pelo menos duas pontas de lança: uma, figurada por KALB (1974/77), pertence ao tipo Pragança definido por COFFYN (op. cit.). Este tipo, pela morfologia do alvado (além da nervura central, possui duas outras, de ambos os lados), não apresenta interesse comparativo com o presente exemplar. A segunda, foi utilizada por COFFYN (op. cit.) como protótipo para a definição do tipo Baiões.

Porto do Concelho (Mação) – Neste depósito, achado em 1943, foram recolhidas três pontas de lança. Com se disse anteriormente, uma pertence ao tipo Vénat, outra ao tipo Pragança; a última, difere da primeira por não apresentar contorno losangular, nem a ponta abrupta, que caracteriza, justamente o tipo Vénat. Mostra-se idêntica ao exemplar agora estudado. Tal com neste, apresenta duas perfurações diametralmente opostas, na base de folha e no plano definido por esta, destinadas à fixação do cabo. (Fig. 3, nº 1).

Beira Baixa, local indeterminado – COFFYN (1976, Fig. 1, nº3) figura um exemplar que se conserva no Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior (Castelo Branco). Trata-se de ponta do tipo Baiões. Discordamos da classificação proposta por Coffyn, que aproxima este exemplar do de Veiros, o qual, como veremos, pertence ao grupo das pontas de lança em língua de carpa.

Casal dos Fiéis de Deus (Bombarral) – VASCONCELOS (1920), noticia o aparecimento de depósito constituído por 12 peças de bronze, entre as quais a ponta de uma lança de alvado com nervura central única, tanto quanto se pode deduzir da ilustração apresentada. O exemplar encontra-se muito deteriorado, tornando-se impossível a classificação de pormenor: poderia pertencer tanto ao tipo Vénat, como ao que pertence o exemplar agora estudado. (Fig. 4, nº 3).

Pinhal da Arrochela (Muge) – FERREIRA (1963) descreve uma lança de bronze do tipo língua de carpa; trata-se de achado isolado (Fig. 3, nº 4).

Castro da Ota (Alenquer) – Deste arqueossítio, BARBOSA (1956) publicou duas pontas de lança de alvado com nervura central simples. O exemplar de maiores dimensões, incompleto na metade superior, pertence provavelmente ao tipo Penha (COFFYN, op. cit.). O exemplar mais pequeno, é do tipo Vénat, conforme já tinha sido observado por COFFYN (op. cit.) (Fig. 3, nº 2).

Veiros (Estremoz) – Este exemplar, cujas condições de achado se desconhecem (VASCONCELOS 1927/29), é muito semelhante ao do Pinhal da Arrochela (Muge), pertencendo, tal como aquele, ao grupo das pontas de lança em língua de carpa (Fig. 5, nº 2).

Évora – SCHUBART (1975, Tf. 52, Nº 472), representa exemplar muito semelhante ao agora estudado, diferindo deste apenas pelo tamanho (Fig. 5, nº 1).

Serra de Borrzeiro (Moura) – SCHUBART (1975, Tf. 56, nº 410 c) representa o exemplar que, pela forma e dimensões, mais se aproxima da ponta de lança agora estudada, facto a que não deve ser estranho a proximidade geográfica. Existem

contudo algumas diferenças entre ambos os exemplares. Este mostra ambas as aletas decoradas por duas linhas incisivas; a parte livre do alvado não possui tendência extrovertida na embocadura, e é de secção ovalada e não circular, como no exemplar estudado. (Fig. 4, nº 6).

Castro de S. Bernardo (Moura) – FERREIRA (1971) apublicou conjunto de materiais metálicos heterogéneo atribuído a um esconderijo de fundidor. Entre as peças, figura ponta de lança de alvado com nervura central simples, com aletas laterais regularmente arredondadas (Fig. 4, nº 1).

Beja – VIANA (1962, Fig. 62) figura uma ponta de lança por ele atribuída aos finais da Idade do Bronze. Trata-se de exemplar de alvado cónico e curto, do tipo língua de carpa.

Albernoa (Beja) – VIANA (1944, Fig. 10; 1962, Fig. 135) noticia uma ponta de lança de cobre, com o comprimento de 104 mm. As reproduções fotográficas são muito deficientes, impossibilitando a sua inclusão em qualquer dos tipos considerados. Parece tratar-se antes de um dardo.

Portelas (Lagos) – Deste local provém um exemplar que se integra no grupo das pontas de lança com aletas alargadas na base (SCHUBART 1975, Tf. 7, nº 30) (Fig. 3, nº 3).

Portimão – SCHUBART (1975, Tf. 7, nº 77) representa exemplar análogo ao anterior.

Resumindo o que atrás se disse, é possível reduzir os 25 exemplares referidos aos seguintes tipos adrede do grupo das pontas de lança de alvado com nervura central única:

- 1 – **pontas de lança do tipo Vénat** – além dos exemplares referidos por COFFYN (1983) do Porto do Concelho (1) e do castro da Ota (1), não se identificou mais nenhum que pudesse ser incluído neste tipo.
- 2 – **pontas de lança do tipo Baiões** – além dos exemplares referidos por COFFYN (op. cit.), provenientes dos castros de Nossa Senhora da Guia (Baiões), de Montemor-o-Velho e de Pragança, da Quinta do Passal (Várzea do Douro) e do Porto do Concelho (Mação), há que mencionar os depósitos de Solveira (Montalegre) (2); dos Fiéis de Deus (Bombarral) (1, classificação sob reserva dado o deficiente estado de conservação); e os achados isolados da Beira Baixa (1); Évora (1); Serra dos Borracheiros (1); além do do depósito de Alqueva (1).
- 3 – **pontas de lança do tipo língua de carpa** – neste grupo, não mencionado por COFFYN (op. cit.), devem incluir-se os seguintes exemplares: Pinhal da Arrochela (1); Veiros (1); Beja (1).
- 4 – **pontas de lança de aletas convexas, alargadas na base** – trata-se de grupo igualmente não mencionado por COFFYN (op. cit.). Consideraram-se como pertencentes a este tipo os exemplares de Portelas e de Portimão, e, sob reserva, a ponta de Albernoa, talvez de dardo.
- 5 – **pontas de lança de folha larga, com aletas regularmente arredondadas**

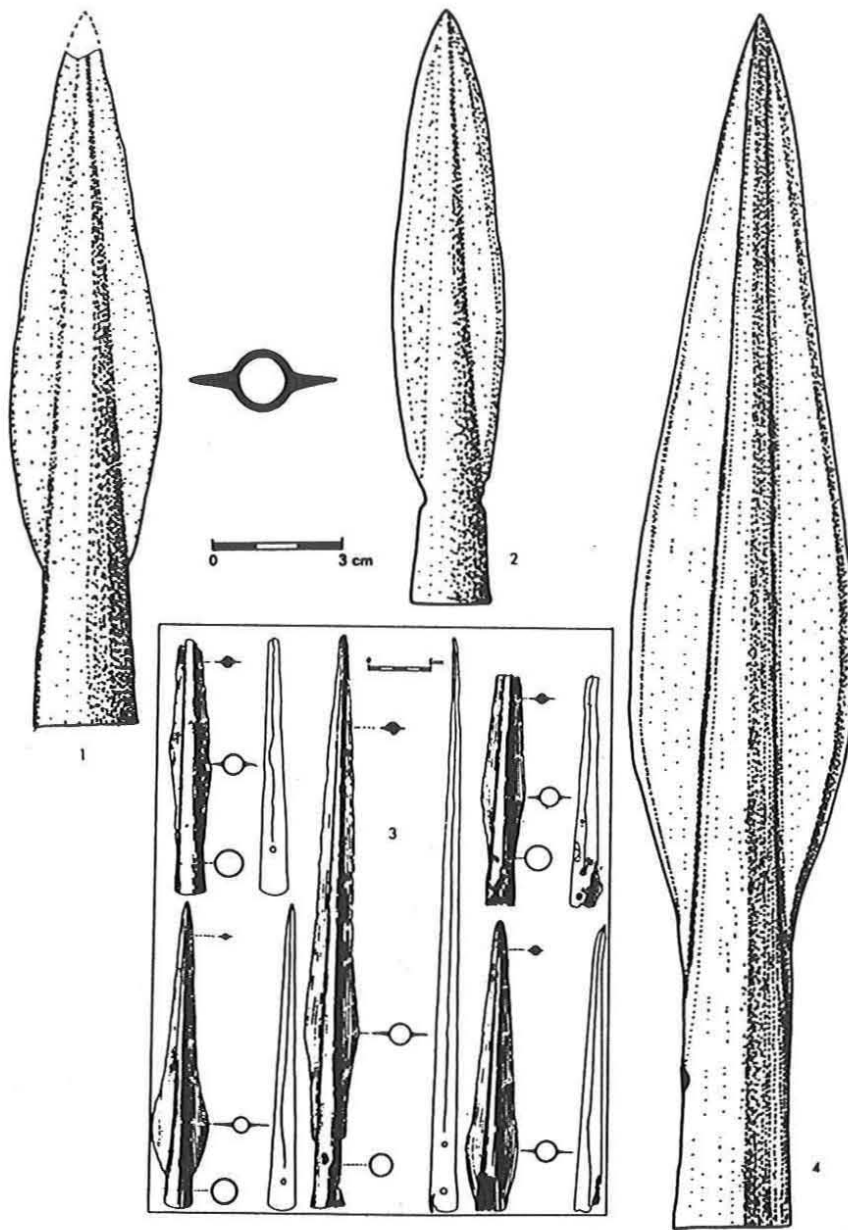


Fig. 6 – 1 – ponta de lança do tipo Baiões; depósito de Crapon - Plaguenuoul (Côtes-du-Nord). Seg. desenho (BRIARD et al., 1983), adaptado.
2 – ponta de lança do tipo Baiões; depósito de Vénat (Charente). Seg. desenho (COFFYN et al., 198), adaptado.
3 – pontas de lança dos tipos Vénat, Penha e língua de carpa; depósito da ria de Huelva. Seg. desenho (ALMAGRO, 1975).
4 – ponta de lança inglesa. O grande tamanho impede de a considerar do tipo Baiões; Seg. desenho (EVANS, 1876), adaptado.

– este tipo, não considerado na classificação de COFFYN (op. cit.), difere do tipo Baiões por apresentar, de acordo com a própria designação, folha mais larga, apresentando portanto um índice de alongamento menor. Em Portugal, encontra-se representado pelo exemplar recolhido no castro de S. Bernardo.

- 6 – *pontas de lança do tipo Penha* – tipo definido por COFFYN (op. cit.), com base nos exemplares recolhidos no castro de Santa Catarina (Guimarães) (2). Além destes, pode incluir-se neste tipo um exemplar incompleto do castro da Ota.

De acordo com a distribuição apresentada, as lanças aparecem tanto no Norte como no Sul do país. Trata-se, portanto, de produto supraregional, para utilizar a expressão de P. KALB (1980).

FERNÁNDEZ-MANZANO (1984) estabeleceu, para a Meseta, a seguinte evolução tipológica:

- Bronze Final I – pontas de lanças com aletas alargadas na base.
- Bronze Final II – pontas de lança do tipo língua de carpa.
- Bronze Final III – desenvolvimento dos outros tipos, associados a espadas do tipo língua de carpa.

Procurando estabelecer paralelos entre o exemplar estudado e outros, do país vizinho, verifica-se que tal tarefa não é fácil. Assim, é no céebre depósito da ria de Huelva (ALMAGRO 1940, 1975) embora nele esteja representado o tipo Vénart, o tipo Penha, o tipo em língua de carpa e exemplares de folha curta e maciça, que correspondem ao tipo mais raro. Outros conhecidos depósitos, como o de Huerta de Arriba, Valdevimbre, Hío e San Lorenzo de Cardesar não forneceram paralelos (MONTEAGUDO 1977), embora tenham oferecido pontas de lança de tipos diversos. Apenas no depósito (?) de Monforte de Lemos se reconhece exemplar similar, representado na Fig. 5, nº 4 (MONTEAGUADO op. cit.), embora de menores dimensões.

Em conclusão, parece que o tipo Baiões, representado em Portugal por número significativo de exemplares – é justamente o mais numeroso – encontra-se, pelo contrário, escassamente representado em Espanha, para só reaparecer no Sudoeste francês.

4.2. Os contos de lança

Os contos de lança serviam simultaneamente para equilibrar o peso da lança e reforçar a extremidade do cabo (ALMAGRO 1975). COFFYN (1983) figura um exemplar idêntico aos estudados, do castro de Pragança; outro exemplar dali proveniente e um terceiro, do castro da Senhora da Guia estão representados no trabalho de KALB (1974/77). Que se saiba, são estes os únicos exemplares publicados até ao presente em Portugal.

ALMAGRO (1940) considera dois tipos: um, com a extremidade em botão é o modelo representado no depósito da ria de Huelva, embora este seja diferente, pelo maior alongamento, dos exemplares portugueses. O outro, desprovido de botão, de formato cónico, está referenciado no depósito de Valdevimbre – Léon (MONTEAGUDO 1977, Tf.149, B). Os exemplares tronco-cónico com botão descritos e figurados por BRIARD (op. cit.), são de pequeno tamanho (30-40 mm), ou, sendo maiores (40-80 mm), diferem, ainda assim, grandemente dos portugueses pela forma e deco-

ração. Parece legítimo concluir-se que este tipo de peça revela igualmente um regionalismo marcado da sua produção.

4.3. Ligas metálicas. Análise comparativa

São escassos os elementos comparativos disponíveis. Os radiogramas de pó executados para as peças do depósito do Porto do Concelho indicam como principais constituintes o cobre e o zinco (PEREIRA 1970). A grande diferença observada relativamente às composições dos exemplares agora estudados é uma prova a mais a favor de produções regionais, aliás já intuída pela diferença evidenciada entre as composições destes. A média de nove objectos do depósito de Coles de Samuel, indica serem constituídos essencialmente por Cu (85%) e Sn (12,24%) e, acessoriamente, por nove outros elementos, dos quais se destaca o As (0,40%). O Zn atinge apenas 0,15%. Tal facto leva-nos a admitir que seja o Sn e não o Zn o 2º elemento mais importante nas peças do Porto do Conselho.

É sabida a grande riqueza cuprífera do Alentejo, que terá existido não só nos «chapéus de ferro», depois intensamente explorados no período romano, sob a forma de cobre nativo, mas também em outras ocorrências mais disseminadas. O estanho é também conhecido nesta região, nos arredores de Campo Maior. A produção, por exemplo, em Pereira de Cima, em 1969, foi de 41 t de cassiterite; em 1970 extraíram-se 28,2 t (GONÇALVES 1973). Embora na Idade do Bronze as jazidas preferencialmente exploradas fossem as de natureza aluvionar, onde o minério era mais fácil de obter, a hipótese apontada não fica, de forma nenhuma invalidada por este facto, tanto mais que são conhecidas galerias mineiras pré-e/ou proto-históricas no Sul do país, como é o caso da conhecida mina de cobre de Rui Gomes (COSTA 1868).

É de admitir, conseqüentemente, a hipótese de produção regional de ligas bronzíferas, sem necessidade de recorrer ao estanho setentrional. Tal hipótese parece reforçada pela análise de um dos objectos estudados: trata-se de um conto de lança (peça 17/84); a elevadíssima percentagem de ouro nele detectada ($1,0 \pm 0,4\%$), poderá ser explicada através da exploração dos «chapéus de ferro» da faixa do sul de Portugal onde, para além do cobre nativo, se produzia, por processos geoquímicos, a concentração supergénica em metais nobres, entre os quais o ouro.

5. Conclusões e cronologia. Integração cultural

O presente achado, possui as características de um depósito aproveitando pequena reentrância rochosa, ou lapa, existente na encosta da margem direita do Guadiana, na secção da futura barragem de Alqueva. Desconhece-se o número de peças que originalmente o constituía, sendo de crer que fosse mais elevado.

Em Portugal, são de referir os achados de pontas de lança de alvado e nervura central simples nos depósitos de Solveira (Montalegre), Porto do Concelho (Mação) e Fiéis de Deus (Bombarral).

A ideia de se tratar de objectos pessoais, de um particular ou comerciante, correspondendo assim à ideia difundida por Evans no final do século XIX de se

poderem atribuir a tais depósitos o significado de esconderijos, foi, ainda no último quartel daquele século prontamente rebatida com outros argumentos. Destes, salientam-se os relacionados com o culto do sagrado, como já em 1886 CARTAILHAC sugeria (p. 200): «... des renseignements donnés par l'histoire, permettent de croire qu'une partie, très petite si l'on veut, mais notable, encore, de ces cachettes de bronze, doit son origine à des pratiques religieuses et qu'elles constituent des dépôts sacrés».

Na análise desta questão, podem considerar-se os seguintes aspectos:

1 – O estado de conservação das peças – há depósitos em que quase todas ou mesmo todas as peças se encontram em perfeito estado de conservação (p. ex., Huerta de Arriba e Saldaña). Pelo contrário, outros depósitos mostram elevada percentagem de artefactos inutilizados: além do clássico exemplo da Ria de Huelva, outro, ainda mais expressivo, é o de Vénat: das 126 pontas de lança recolhidas, 87 encontravam-se fragmentadas. Para explicar este fenómeno, têm sido produzidas diversas hipóteses. Assim, os depósitos do primeiro tipo, poderiam de facto corresponder a «stocks» de comerciantes, enquanto que, relativamente aos do segundo tipo, para uns seriam apenas carregamentos metálicos destinados à fundição; para outros, porém, o elevado estado de fragmentação das peças é indício de práticas rituais relacionadas com oferendas às divindades. Coombs (in FERNÁNDEZ-MANZANO 1984), referindo-se aos depósitos ingleses, recorda que o número de achados prodecentes de lugares aquosos aumenta consideravelmente do Bronze médio para o Bronze Final, explicando-se tal fenómeno pelo desenvolvimento da prática de ofertas a divindades aquáticas. Ao encontro desta hipótese vem a observação de PAUTREAU et al. (1983/84) a propósito do depósito de Trieu; no Bronze antigo e médio predominam os artefactos inteiros, enquanto que os do Bronze Final mostram percentagem variável de objectos partidos voluntariamente.

A crescente invocação de divindades relacionadas com as águas, que, como se viu, parece bem documentada à medida que se aproxima o final da Idade do Bronze, poderá estar relacionada com a degradação climática verificada no final deste período, tal como sugere Burgess (in FERNÁNDEZ-MANZANO 1984). Com efeito, a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, coincide com o fim da fase sub-boreal, marcada por arrefecimento climático, embora não no sentido da aridez (elementos referidos por THEOBALD 1972 para o Baixo Delfinado). Nesse período de possíveis dificuldades, exacerbar-se-ia o espírito religioso; daí o grande número de depósito a que atribui carácter ritual.

2 – Natureza dos depósitos – considerando os três principais grupos de objectos que constituem estes depósitos – armas, utensílios e adornos – verifica-se que as respectivas percentagens variam, de depósito para depósito, conforme PAUTREAU et al. (1983/84) verificaram na região de Deux-Sèvres, no Sudoeste francês. A explicação residirá em:

- a) actividade diferentes;
- b) especialização geográfica dos fabricos;
- c) rituais diferentes, na hipótese de se tratar, mesmo que parcialmente, de oferendas.

Para FERNÁNDEZ-MANZANO (1984), a composição dos depósitos da meseta espanhola revelaria uma sociedade altamente hierarquizada. A generalização de certas armas – recorda-se que as pontas de lança só se tornaram verdadeiramente abundantes no Bronze Final – reflectiriam um acréscimo das situações de conflito, que o referido autor relaciona com a já referida degradação climática verificada nesta altura, hipótese que é apresentada com as devidas ressalvas para o nosso país, visto não se dispor de quaisquer elementos paleoclimáticos seguros relativos a este período.

3 – *Condições dos achados* – já antes se referiu o facto de grande número dos achados do Bronze Final estar relacionado com o meio aquático. É, com efeito, frequente, o aparecimento de objectos em dragagens fluviais.

Em Portugal, à escassez dos achados, soma-se o pequeno número de peças correspondentes. Relativamente às condições dos achados, KALB (1980, p. 9) declara ter encontrado referências a que o machado tal ou o esconderijo tal «foram encontrados» «perto de um castro» ou «em cima de um castro», etc., concluindo assim que alguma relação deverá existir, ainda que se elimine um ou outro caso.

No respeitante aos depósitos portugueses com pontas de lança do grupo da estudada (de alvado com nervura central simples), nenhum deles está seguramente relacionado com área habituada – tal é o caso de Solveira, Porto do Concelho e Fiéis de Deus. Pelo contrário, os achados isolados ocorrem quase sempre em «habitats», de que são exemplo os castros da Nossa Senhora da Guia (Baiões) e de Santa Catarina (Penha, Guimarães), o castro da Ota (Alenquer) e o castro de S. Bernardo (Moura), para além de diversos achados isolados de características mal conhecidas. É de salientar que o único depósito que se pode relacionar com a presença da água é o de Solveira (Montalegre). O achado, constituído por quatro peças - um machado de talão e azelhas, duas lanças do tipo Baiões e um garfo («crochet à viande» segundo a terminologia de COFFYN 1983), foi efectuado quando um trabalhador rural efectuava a ampliação do seu terreno de cultivo, por desmonte de pequeno talude. As peças apareceram à profundidade aproximada de 1.30 m e a cerca de 6.0 m de distância de um regato. Do local do achado ao regato, observou-se «um rego subterrâneo coberto de lages líticas, com o comprimento de uns 6 m» (COSTA 1963), p. 121).

O depósito do Porto do Concelho (Mação) situava-se a cerca de 100 m da importante ribeira de Eiras, sob afloramento rochoso. Pelo que se conhece do achado agora estudado, a analogia é grande, muito embora neste, a proximidade do Guadiana, possa sugerir relação directa com a água.

Relativamente ao contrário dos depósitos portugueses, KALB (1980) refere-se a uma maior concentração de espadas e lanças no interior do país, que relaciona com a rota do estanho. Sob este aspecto, poderá ser significativa a situação geográfica dos materiais agora estudados, atendendo à privilegiada via de circulação e escoamento que era o Guadiana.

4 – *Cronologia* – A cronologia proposta por L. Monteagudo para o depósito do Porto do Concelho (in PEREIRA 1970) remonta a meados do século IX a.C.; as lanças foram consideradas como podendo pertencer ao período entre 1000 e 800 a.C. Para COFFYN (1983), é do início do século VIII a.C. O conjunto da ria de Huelva foi situado, igualmente por critérios tipológicos, em cerca de 750 a.C. (ALMAGRO

1975). Contudo, hoje em dia é admissível que remonte ao século IX a.C., após as datações de ^{14}C realizadas em amostras de madeira dos cabos das lanças (GOMES et al. 1976/77)¹. Esta cronologia adapta-se também ao depósito dos Fiéis de Deus, que possui uma espada em língua de carpa, semelhante às de Huelva. Pontas de lança e espadas em língua de carpa, são motivos nas estelas decoradas do sudoeste peninsular do Grupo II C, incluindo também no séc. IX a.C. (GOMES et al. 1976/77).

As pontas de lança do tipo da estudada, pertencem ao mesmo círculo cultural de lança em língua de carpa, que teve o seu *terminus ca.* de 700 a.C. (final do Bronze Final III). Este facto encontra-se alicerçado na associação entre ambos os tipos e as pontas de lança do tipo Vénat (respectivamente no depósito do Porto do Concelho e no da ria de Huelva), a cujo depósito epónimo foi atribuída aquela datação (COFFYN et al. 1981). Esta hipótese concorda com a datação obtida para uma das lanças do castro da Senhora da Guia (Baiões); trata-se de um exemplar do tipo Pragança (de acordo com a tipologia de COFFYN 1983), por certo contemporâneo do exemplar – tipo de Baiões, em que se integra a ponta agora estudada: GrN 7484 Castro de Baiões 2650 ± 13 B P (= 700 ± 130 a.C.), publicada por KALB (1974/77).

Concluindo, pode admitir-se para a ponta de lança estudada, cronologia correspondente a todo o séc. VIII a.C. e, a parte ou à totalidade do séc. IX a.C.

A tipologia destas lanças aponta para afinidade com o mundo europeu e atlântico, por oposição ao mundo mediterrânico. Uma das características do período final do Bronze Final, é, precisamente, a intensidade da atracção que as regiões ocidentais exercem sobre as meridionais (COFFYN et al. 1981), facto bem evidenciado pela tipologia dos materiais dos depósitos. Através do estudo dos motivos figurativos das estelas decoradas do sudoeste peninsular, GOMES et al. (1976/77) concluíram que, após uma fase inicial (expressa pelo tipo II A), em que as influências centro-europeias eram nítidas e exclusivas, assiste-se, pelos inícios do século IX a.C., ao desabrochar de contactos culturais com o mundo fenício-tartéssico da Andaluzia ocidental, movido por interesses comerciais. O «ponto de encontro das duas culturas, a indo-europeia e a tartéssico-fenícia» (p. 327), ter-se-ia dado pelos finais do séculos IX a.C. ou a momento indeterminado do séc. VIII a.C., representado pelas estelas do tipo II D. A difusão cultural, estender-se-ia nesta fase muito para além do foco original de Cáceres – Badajoz, atingindo então as regiões ocidentais até ao Algarve e as orientais até Granada. Os materiais agora estudados, independentemente da motivação que presidiu à sua ocultação – esconderijo ou depósito ritual – devem ser considerados, até pela situação geográfica do achado, junto da principal via de ligação do interior da meseta sul com o Oceano – dentro do quadro das relações económicas atlântico-mediterrânicas que caracterizaram o final da Idade do Bronze, relações que fomentaram a miscigenação do mundo oeste-europeu com a cultura tartéssico-fenícia, de raiz semítica.

¹ COFFYN (1983) considera o depósito da ria de Huelva pertencente ao final do séc. IX a. C., por critério tipológico, 800 a.C. Em comunicação a este Congresso, o autor admite data um pouco anterior.

Resumo

Estudam-se três peças de bronze – uma ponta de lança e dois contos de lança – provenientes de pequeno abrigo ou cavidade localizada na margem direita do Guadiana, no eixo da futura barragem de Alqueva (Concelho de Moura). Faziam parte de um depósito, constituído originalmente talvez por maior número de peças.

A ponta de lança integra-se no grupo das pontas de lança com alvado e de nervura central simples; neste grupo, consideraram-se os seguintes tipos, com base em inventariação que se julga exaustiva para o nosso País:

- 1 – pontas de lança do tipo Vénat;
- 2 – pontas de lanças do tipo Baiões;
- 3 – pontas de lança do tipo Penha;
- 4 – pontas de lança do tipo língua de carpa;
- 5 – pontas de lança de aletas convexas, alargadas no base;
- 6 – pontas de lança de folha larga, com aletas regularmente arredondadas.

Os três primeiros tipos foram definidos por COFFYN (1983); os restantes constituem designações correntes adentro da terminologia das pontas de lança do Bronze Final. O exemplar estudado pertence ao tipo Baiões.

Contos de lança do mesmo tipo dos estudados foram referenciados anteriormente em Portugal por COFFYN (1983). Demonstram, pela tipologia particular, o regionalismo das produções, aliás já evidenciadas pelas composições das ligas (não obstante o escasso número de análises até agora realizadas).

Independentemente da motivação que presidiu à sua deposição – esconderijo ou depósito ritual – os materiais agora estudados devem ser considerados no contexto das relações comerciais que no fim da Idade do bronze (século IX-VIII a.C.) se estabeleceram entre o mundo oeste-europeu e a cultura tartéssico-fenícia, de raiz semítica. A situação geográfica do achado, sobre a principal via que, do interior da Meseta Sul conduz ao Oceano, é, sob este ponto de vista, bastante significativa.

Résumé

L'étude porte sur une pointe et deux embouts de lance, en bronze, provenant d'un petit abri de la rive droite du Guadiana, sur le site du futur barrage de Alqueva (Moura). Il s'agit probablement d'une partie d'un dépôt dont on ne connaît pas encore le nombre de pièces.

La pointe de lance appartient à un vaste groupe de pointes à douille et ailerons simples (non moulurés). Le travail d'inventaire et de classification que l'on croit exhaustif a permis de diviser ce groupe en six types:

- 1 – pointes de lance du type Vénat;
- 2 – pointes de lance du type Baiões;
- 3 – pointes de lance du type Penha;
- 4 – pointes de lance du type langue de carpe;
- 5 – pointes de lance à ailerons convexas, élargis vers la base;
- 6 – pointes de lance en feuille large, à ailerons régulièrement arrondis.

Les trois premiers types ont été définis par COFFYN (1983). Les autres portent des désignations couramment utilisées dans la terminologie des pointes de lance du Bronze Final.

Les embouts de lance sont d'un type semblable à ceux de Pragança, signalés par COFFYN (1983). Ces embouts, par leurs caractéristiques toutes particulières, montrent la régionalisation des productions, régionalisation mise en évidence aussi par les différentes compositions des alliages métalliques.

Bien qu'il s'agisse d'un dépôt rituel ou d'une simple cachette, les matériaux étudiés doivent être considérés comme éléments des relations commerciales établies vers la fin de l'Âge du Bronze (990-700 av. J.-C.) entre le monde ouest-européen et la culture tartesso-phénicienne. De ce point de vue, la situation géographique de cette trouvaille est significative, exactement sur la principale voie entre le hinterland de la «Meseta» Sud de la Péninsule et l'Océan.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. (1940) – *El hallazgo de la ría de Huelva y el final de Edad del Bronce en el Occidente de Europa*. Ampurias, Vol. II, p. 85-143, 61 Fig.. Barcelona.
- ALMAGRO, M. (1975) – *Deposito de bronce de la ría de Huelva*. In: *Huelva – Prehistoria y antigüedad*, p. 213-220. Editora Nacional. Madrid.
- BARBOSA, E. (1956) – *O castro da Ota (Alenquer)*. *O Arqueólogo Português*, S. II, Vol. III, p. 117-124, 10 Est..
- BRIARD, J. e MOHEN, J.-P. (1983) – *Typologie des objets de l'Âge du Bronze en France – Fascicule II: poignards, hallebardes, pointes de lance, pointes de flèche, armement défensif*. Société Préhistorique Française. Commission du Bronze. Paris.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Ch. Reinwald, 342 p., 448 Fig.. Paris.
- COFFYN, A. (1976) – *L'Âge du Bronze au Musée de F. Tavares Proença Júnior*. 31 p., 6 Fig.. Castelo Branco.
- COFFYN, A. (1983) – *La fin de l'âge du Bronze dans le Centre – Portugal*. *O Arqueólogo Português*, S. IV, Vol. I, p. 169-196, 3 Fig., 5 cartas. Lisboa.
- COFFYN, A. (1983 a) – *L'apogée du Bronze Atlantique. Le dépôt de Vénat*. Col. *L'Âge du Bronze en France-1*. Picard, 239 p., 53 Est., 25 cartas. Paris.
- COSTA, F. A. P. (1868) – *Notícia de alguns martelos de pedra e outros objectos que foram descobertos em trabalho e outros antigos da mina de cobre de Ruy Gomes no Alentejo*. Real Ac. das Sc. de Lisboa, 4 p., 1 Est..
- COSTA, J. G. da (1963) – *Achado arqueológico encontrado em Solveira, Concelho de Montalegre, em Abril de 1961*. *Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia*. Lucerna, Vol. III, P. 119-125, 1 Fig.. Porto.
- EVANS, J. (1876) – *Petit album de l'Âge du Bronze de la Grande Bretagne*. XXV Pl. Longmans, Green Reader et Dyer. Londres.
- FERNÁNDEZ-MANZANO, J. (1984) – *Armas y utiles metalicos del Bronce final en la Meseta Norte*. *Studia Archaeologica*, 74, 25 p., 5 Fig., Departamentos de Prehistoria y Arqueologia. Facultad de Filosofia y Letras. Universidad – Valladolid.
- FERREIRA, O.V. (1963) – *Notícia de algumas estações pré-históricas e objectos isolados, inéditos ou pouco conhecidos*. Sep. Bol. Cultural da Junta Distrital de Lisboa, nº 59-60, 20 p., 4 Est..

- FERREIRA, O. V. (1971) – *Um esconderijo de fundidor encontrado no castro de S. Bernardo (Moura)*. O Arqueólogo Português, S. III, Vol. V, p. 139-143, 1 Est..
- GIL, F.B. e FERREIRA, G.P. (1983 a) – *A Fluorescência de raios X e o método PIXE como técnicas analíticas não destrutivas em arqueologia*. Arqueologia, nº4, p. 12-27.
- GONÇALVES, F. (1973) – *Carta geográfica de Portugal na escala de 1:150000. Notícia explicativa da folha 33 C – Santa Eulália*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1976/77) – *As estelas decoradas da herdade do Pomar (Ervidel - Beja) – estudo comparado*. Setúbal Arqueológica, Vol. II-III, p. 281-343, 12 Fig., 9 Est..
- HOCK, M. e COELHO, L. (1972) – *Materiais metálicos da colecção arqueológica do Museu do Abade de Baçal em Bragança*. O Arqueólogo Português, S. III, Vol. VI, p. 219-250, 36 Fig., 10 Est.. Lisboa.
- KALB, P. (1974/77) – *Uma data C-14 para o Bronze Atlântico*. O Arqueólogo Português, S. III, Vol. VI-VII, p. 141-144, 2 Fig.. Lisboa.
- KALB, P. (1980) – *O «Bronze Atlântico» em Portugal*. Sep. das actas do seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, 10 p., 3 cartas. Guimarães.
- LOPO, A. P. (1902) – *Picote (Miranda do Douro)*. O Arqueólogo Português, S. I, VII, p. 54, 1 Fig.. Lisboa.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel, Prähistorische Bronzefunde Abteilung IX, Band 6*. C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 132 p., 162 Est..
- PAUTREAU, J. P.; GENDRON, Ch. e BOURHIS, J. R. (1983/84) – *L'Âge du Bronze en Deux - Sèvres (2500-800) av. J.-C.*. Musée de Niort, 108 p., 39 Fig., Niort.
- PERREIRA, M. A. H. (1970) – *Monumentos históricos do Concelho de Mação*. Câmara Municipal de Mação, 610 p., 185 Fig., 12 cartas. Coimbra.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel. II-Tafeln*. Walter de Gruyter & Co., 94 Fig., 39 cartas. Berlim.
- THÉOBALD, N. (1972) – *Fondements géologiques de la Préhistoire*. Paris.
- VASCONCELOS, J. L. de (1920) – *Estudos sobre a época do Bronze em Portugal. VIII – Tesouro do Casal dos Fiéis de Deus*. O Arqueólogo Português, S. I, Vol. XXIV, p. 193-195, 5 Est.. Lisboa.
- VASCONCELOS, J. L. de (1927/29) – *Antiguidades do Alentejo VI – Instrumentos de bronze*. O Arqueólogo Português, S. I, Vol. XXVIII, p. 176, 1 Fig.. Lisboa.
- VIANA, A. (1962) – *Algumas noções elementares de Arqueologia prática*. Ed. do Autor, 207 p., 204 Fig.. Beja.